

OS JORNAIS ESTUDANTIS *ECOS GONZAGUEANOS* E *ESTUDANTE*: APONTAMENTOS SOBRE O ENSINO SECUNDÁRIO CATÓLICO E LAICO (PELOTAS/RS, 1930-1960)

Giana Lange do Amaral

Universidade Federal de Pelotas, Brasil.



Resumo

O presente texto trata do uso de jornais estudantis como fonte para estudos em História da Educação, bem como da importância da leitura de jornais escolares. Privilegia-se a análise de dois jornais de escolas de ensino secundário católico e laico de Pelotas/RS: o *Ecos Gonzagueanos* e o *Estudante*. Nas investigações que abordam as práticas culturais, seus sujeitos e sua produção, os jornais estudantis são considerados elementos potenciais para a apreensão das práticas, dos discursos e do cotidiano escolar. É possível observar valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam ligados.

Palavras-chave: jornais estudantis, fontes históricas, ensino secundário, ensino laico e católico.

THE STUDENT NEWSPAPER *ECOS GONZAGUEANOS* E *ESTUDANTE*: NOTES ON THE SECONDARY SCHOOLS CATHOLIC AND SECULAR (PELOTAS/RS, 1930-1960)

Abstract

This paper discusses the use of student newspapers as a source for studies in history of education, as well as the importance of reading school newspaper. Focuses on the analysis of two newspapers of catholic secondary schools and secular of Pelotas/RS: *Ecos Gonzagueanos* and *Estudante*. In investigations that address cultural practices, their subjects and their production, student newspapers are considered potential elements for the seizure of the practices, discourses and daily life at school. You can see the values, customs and interests that oriented the relationships of young students as well as the reflections of the appropriations made from the school culture of the institution to which they were connected.

Key-words: student newspapers, historical sources, secondary education, secular and catholic education.

**LOS PERIÓDICOS ESTUDANTILES *ECOS GONZAGUEANOS* E *ESTUDANTE*:
NOTAS SOBRE LAS ESCUELAS SECUNDARIAS CATÓLICAS E SECULARES
(PELOTAS/RS, 1930-1960)**

Resumen

Este artículo discute el uso de periódicos de estudiantes como fuente para estudios en Historia de la Educación, así como la importancia de la lectura de periódico escolar. Se centra en el análisis de dos periódicos de las escuelas secundarias católicas y seculares de Pelotas/RS: *Ecos Gonzagueanos* y *Estudante*. En las investigaciones que abordan las prácticas culturales, sus temas y su producción, periódicos de estudiantes se consideran elementos potenciales para la incautación de las prácticas, discursos y vida cotidiana en la escuela. Puede ver los valores, costumbres e intereses que orientan a las relaciones de los jóvenes estudiantes, así como las reflexiones de los créditos de la escuela de cultura de la institución a la que estaban conectados.

Palabras-clave: periódicos de estudiantes, fuentes históricas, educación secundaria, educación secular y católica.

**LES JOURNAUX ÉTUDIANTES *ECOS GONZAGUEANOS* E *ESTUDANTE*:
NOTE SUR L'ENSEIGNEMENT SECONDAIRE CATHOLIC ET LAÏQUE
(PELOTAS/RS, 1930-1960)**

Résumé

Cet article examine l'utilisation des journaux d'étudiants comme source pour des études en histoire de l'éducation, ainsi que l'importance de lire le journal de l'école. Met l'accent sur l'analyse des deux journaux des écoles secondaires catholiques et laïques de Pelotas/RS: *Ecos Gonzagueanos* et *Estudante*. Dans les enquêtes qui portent sur les pratiques culturelles, de leurs sujets et de leur production, journaux étudiants sont considérés comme des éléments possibles pour la saisie de pratiques, de discours et de la vie quotidienne à l'école. Vous pouvez voir les valeurs, les coutumes et les intérêts qui axée sur les relations entre les jeunes étudiants, ainsi que les réflexions des crédits de la culture scolaire de l'établissement auquel ils sont connectés.

Mots-clé: journaux étudiants, sources historiques, enseignement secondaire, éducation laïque et catholique.

O presente texto trata do uso de jornais estudantis como fonte para estudos em História da Educação, uma vez que eles representam importante meio de constituição e expressão da cultura escolar.¹ Nos estudos históricos que privilegiam a investigação das práticas culturais, seus sujeitos e sua produção, os jornais estudantis são considerados elementos potenciais para a apreensão dos discursos e do cotidiano escolar.²

Destacam-se aqui dois jornais produzidos pelos grêmios estudantis de instituições de ensino secundário da cidade de Pelotas/RS, no período de 1930 a 1960: o *Estudante*, criado em 1934 pelos alunos do Ginásio Pelotense, e o *Ecos Gonzagueanos*, criado em 1943 pelos alunos do Ginásio Gonzaga.

Este texto é desdobramento de minha tese de doutoramento que aborda aspectos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas, entre as décadas de 1930 e 1960.³ Nela é enfatizada a participação discente em duas escolas: o Colégio Pelotense e o Colégio Gonzaga. O primeiro, uma instituição pública com forte influência dos ideais maçônicos, positivistas e laicistas, criado pela Maçonaria em 1902 e transferido para o município em 1916. O segundo, uma instituição de ensino católica, criada pelos jesuítas e dirigida pelos irmãos Lassalistas a partir de 1924. Nesse período, essas escolas apresentavam relações declaradamente pouco amistosas, especialmente entre os alunos. Ambas defendiam, junto à comunidade pelotense, diferenciadas posturas ideológicas às quais estavam atreladas desde a sua criação. No campo educacional refletiram, também, uma disputa que ocorria em nível nacional entre os defensores do ensino público e do ensino privado, via de regra católico. A análise dos jornais estudantis foi fundamental para perceber a oposição que havia entre valores vinculados ao ensino católico e ao ensino laico, que alicerçou a rivalidade entre os alunos das duas instituições escolares.

Os jornais estudantis

Atualmente, no Brasil, o uso dos jornais estudantis como fontes de pesquisas relacionadas à História da Educação ainda é pouco explorado. É nesse sentido que se ressalta sua importância, pois revelam inúmeras facetas dos processos escolares e fazem emergir aspectos antes ignorados. Dessa forma, a imprensa estudantil constitui-se em artefato cultural produzido por alunos, para seus pares e comunidade escolar, que evidenciam o seu modo de percepção das práticas escolares e dos discursos que as subsidiam.

Provavelmente pela inconstante periodicidade, dificuldade de acesso ou por questões relativas à qualidade dos textos, os jornais estudantis não têm recebido a devida

¹ Cultura escolar é compreendida como “os aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos, história cotidiana do fazer escolar, objetos materiais, função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas” (Viñao Frago, 1994, p. 5).

² Sobre o uso de periódicos como fontes para estudos históricos ver, dentre outros, Luca (2005).

³ Tese denominada *Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960)*, apresentada junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2003. *Gato pelado* é o apelido dado aos alunos do Colégio Pelotense, assim como *Galinha gorda*, aos do Gonzaga. Tais denominações originam-se das iniciais GP, de Ginásio Pelotense, e GG, de Ginásio Gonzaga.

atenção dos pesquisadores. Eles nos fornecem configurações específicas da vida e da cultura escolar nas quais se pode constatar denúncias, expectativas e idealizações, principalmente dos alunos, referentes à educação e ao cotidiano das escolas. Em determinadas épocas, por serem considerados subversivos, são inúmeras as histórias de apreensão desses impressos, bem como de denúncias e perseguição aos envolvidos em sua elaboração. O caráter não oficial desses periódicos, assim como sua irreverência e crítica, por meio de representações satíricas e caricaturizadas da sociedade, da escola, de professores e de alunos, faz com que não constem no acervo documental das instituições escolares.

É preciso que se ressalte o fato de que os jornais estudantis podem ser, além de fonte, objeto de investigações, uma vez que se constituem em suportes materiais de discursos múltiplos, que se configuram como dispositivos de constituição de práticas escolares, de controle e produção da cultura escolar (Chartier, 1990). Sua análise possibilita o contato com conteúdos e dispositivos textuais que configuram práticas de leitura dos alunos e que, indubitavelmente, traduzem certa conduta e um comportamento desejável, e às vezes indesejável, por parte das diversas instituições educacionais.

É interessante salientar a profusão de impressos estudantis que circularam em várias cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1960. A explicação para tal fato deve ser buscada no contexto brasileiro da época, em que é crescente a participação social e política dos estudantes. Neste período, a imprensa ainda representava um espaço fundamental como meio de comunicação social. Ela estava, talvez como em nenhuma outra época, a serviço de interesses das mais diversas instituições e grupos sociais.

Da mesma forma, destaca-se que, no período estudado, as atividades que extrapolavam as práticas de sala de aula, como a produção de jornais estudantis, estavam ligadas à influência do escolanovismo, tanto em escolas de ensino laico, como em escolas de ensino católico⁴.

No caso das escolas de ensino secundário essas atividades resultavam, também, do incentivo e orientação contidos na legislação. Como o ensino era, fundamentalmente, propedêutico, as atividades que despertavam o espírito de iniciativa e de liderança nos jovens que se dirigiam aos cursos superiores eram sempre bem vindas. E, indubitavelmente, os jornais estudantis representavam uma importante atividade pedagógica tendo em vista esse fim. Nesse sentido, interessa aqui ressaltar o art. 46 do capítulo XII, do decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942, Lei Orgânica do Ensino Secundário, que trata dos trabalhos complementares:

Os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições

⁴ Carvalho (2005) destaca o modo pelo qual os impressos funcionaram como dispositivos de configuração do campo da Pedagogia e de conformação de práticas escolares entre os defensores do catolicismo e do laicismo.

que tenham por objetivo despertar entre os escolares o interesse pelos problemas nacionais. (Decreto-lei n. 4.244, art. 46)

Salienta-se que essa prerrogativa legal serviu de incentivo às práticas discentes para além da sala de aula, práticas essas que já ocorriam nos colégios de ensino secundário no Brasil.

No que tange à análise de jornais estudantis ou, como eram especificados pela bibliografia da época, jornais escolares, no período pós 1930, é fundamental a leitura de Guerino Casasanta que publicou, em 1939, o livro *Jornais escolares*⁵, resultado de um inquérito sobre jornais escolares, realizado em Minas Gerais no ano de 1933, quando ocupava o cargo de inspetor de ensino do Estado.

Nessa obra, o autor fundamenta a importância pedagógica do jornal escolar para os alunos e para a escola, aponta objetivamente as possibilidades de sua inserção junto ao currículo escolar e apresenta em detalhes as etapas de sua elaboração e organização, ou seja, dá as dicas de como fazer um tipo ideal de jornal escolar. Nesse trabalho, o aluno, sob a supervisão de seus professores, exerceria uma atividade que o prepararia para o futuro, vivenciando situações que levassem a: “preparar o indivíduo a viver numa democracia; tornar o indivíduo guia de si mesmo; ensinar o valor da cooperação; despertar o interesse do educando pela escola; despertar no educando os sentimentos de ordem e de legalidade, etc.” (Casasanta, 1939, p. 39-40).

Casasanta (1939) reitera a importância do jornal escolar e afirma que:

a) A escola deve ser uma família, devendo predominar aí o espírito coletivo. O jornal alimenta esse espírito, promove a cooperação, estimula as iniciativas. É o traço de união entre seus membros. As atividades escolares, como, aliás, todas as atividades sociais, requerem estímulo e incitamento. A publicidade é um meio de êxito e sucesso. O jornal escolar pode manter vivas as atividades, incentivando o entusiasmo entre os alunos, levando-os a empregar nelas todo o esforço e toda a atenção. O jornal une a escola à sociedade, pondo-a constantemente a par de sua vida e de suas realizações. Estabelece, assim, um entendimento recíproco, interessando o povo na obra escolar. O jornal leva aos pais, aos ex-alunos e a todos as notícias da escola. Matem-se, dessa forma, sempre vivo o interesse daqueles que viveram na escola e cujas notícias lhes são particularmente gratas. As notícias da vida escolar, de suas iniciativas e atividades, suscitarão iguais procedimentos a outros estabelecimentos. Não se poderá dizer que o treino do aluno no jornal escolar seja indício de que, mais tarde, se trone um jornalista [...] Entretanto o exercício que o jornal escolar facilita, poderá ser o ponto de partida da revelação de uma tendência. (p. 40 e 41)

Além dos pressupostos citados, o autor assinala que o jornal escolar repercutiria no desenvolvimento de qualidades que as matérias de ensino não incentivavam, senão em pequena escala, tais como a iniciativa, a liderança e as características pessoais dos alunos. O jornal seria uma forma de estabelecer intercâmbio entre as escolas, de registrar

⁵ *Jornais escolares* é o título do 32º volume da série Atualidades Pedagógicas - Biblioteca Pedagógica Brasileira, publicada pela Companhia Editora Nacional. Essa série teve seu início em 1931 e durante 25 anos foi dirigida por Fernando de Azevedo, publicando obras nacionais e estrangeiras que contribuíram para fundamentar as reflexões sobre as atividades educativas no Brasil.

a história da mesma, de propagar a escola, de atrair para ela o interesse da população: “o que devemos esperar do jornal é que seja educativo. É meio ótimo para que a personalidade da criança se patenteie, indicando os seus anseios, as suas tendências, as suas aptidões” (Ibid., p. 41).

Nas escolas de ensino secundário constata-se que muitos dos jornais eram produzidos pelos grêmios estudantis, embora se tenha notícias da existência de jornais com duração efêmera, que surgiram da iniciativa individual de determinados alunos ou turmas específicas.

O Ecos Gonzagueanos

No Ginásio Gonzaga, os primeiros jornais estudantis surgiram como iniciativa individual de alunos que, em determinados períodos, geralmente incentivados por um ou outro professor, criavam jornaizinhos para que fossem apresentadas produções literárias, assim como suas atividades cotidianas.

Tendo por base um artigo de Luís Carlos Barbosa Lessa, então aluno do Ginásio Gonzaga, que escreveu no *Ecos Gonzagueanos* (17 jul., 1944) sobre a existência de periódicos estudantis dessa escola, aponta-se a seguir alguns dados sobre esse assunto.

É provável que o primeiro jornal fundado por gonzagueanos tenha sido o *Ensaio*, de 1914. Ele era impresso e distribuído pelo aluno Tristão Nunes Vieira que, sob pseudônimos, apresentava diversos artigos. Em 1933 surgiu *O Pagode*, dirigido por Alvacir Collares⁶, aluno do 3º propedêutico. A turma da 2ª série, em 1935, com Francisco Portugal à frente, teve um periódico, datilografado, de distribuição mensal e gratuita publicado até meados de 1937. Nesse mesmo ano, o Centro de Juventude Católica Aldo Marozzi apresentava *O Centrista*, dirigido por Raul Cohen e que circulou até 1939, aparecendo na última fase com o nome *Vida*. Em 1937 circulou *O Alvorecer*, jornal das primeiras séries, incentivado pelo irmão Gregório Afonso e pelo professor dr. Germano Petrucci, tendo como diretor, Mário Freitas. Em 1939, o aluno Ney Jorge dirigiu a publicação de um periódico que apresentou somente seis números e tinha suas páginas artisticamente desenhadas. Ney Maciel e Amílcar Gigante⁷, alunos da 3ª Série, em 1942, incentivados pelo irmão Miguel, dirigiram *O Estudante*. Nesse ano, o aluno da 2ª série Luiz Carlos Barbosa Lessa, juntamente com seus colegas, orientados pelo irmão Agostinho Simão, faziam circular *O Gonzagueano*, que durou até fins de 1943 e chegou a ter 32 páginas mimeografadas.

O Estudante era fortemente combatido pelo jornal *O Gonzagueano*. Essa briga chamou a atenção do Grêmio de Estudantes que, em 1943, resolveu criar o seu periódico estudantil, o *Ecos Gonzagueanos*.

Em entrevista realizada em 22 de outubro de 2001, Barbosa Lessa comenta sobre a importância de seus estudos antes de ingressar no Ginásio Gonzaga, assim como sua influência para que criasse o jornal *O Gonzagueano*:

⁶ Alvacyr Collares foi, por muitos anos, professor leigo do Ginásio Gonzaga, sendo um representante da Igreja Católica de grande destaque no âmbito político-educacional em Pelotas.

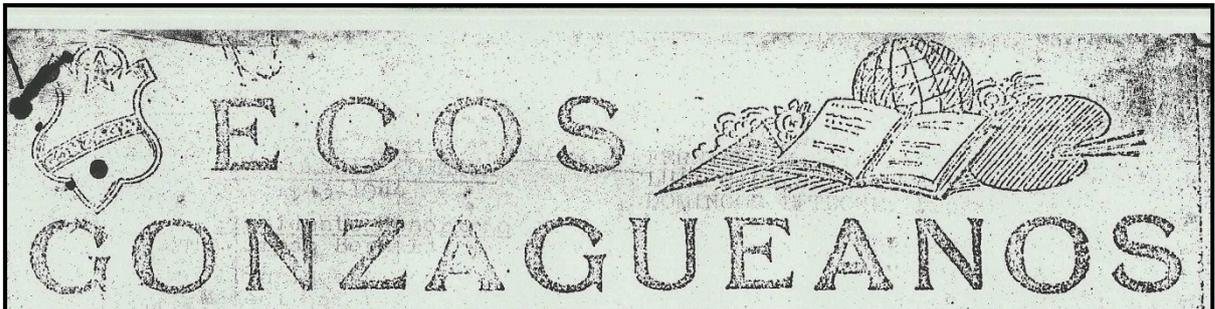
⁷ Amílcar Gigante tornou-se médico e foi reitor da Universidade Federal de Pelotas entre os anos de 1989 e 1992.

Havia muita dificuldade de escola em Piratini (*pequena cidade próxima a Pelotas e que, no século 19, chegou a ser, por um tempo, a capital da República Rio-Grandense*), então minha mãe resolveu improvisar-se em professora e me ensinou a ler, contar, escrever e ter gosto pela redação e pela música. Isso era feito em horas pré-determinadas e dentro de casa. Por exemplo, se um amiguinho batia lá em casa e queria brincar comigo, minha mãe dizia: '*não, não pode porque ele está na escola*'. Eu tinha que cumprir o horário rigidamente. Como sobrou tempo, a minha mãe, que era formada pelo Conservatório Musical de Pelotas, passou a me ensinar Teoria Musical e piano. E, num passo seguinte, ela, embora não soubesse executar, me ensinou os princípios de uma coisa revolucionária, que se chamava datilografia. No município de Piratini havia só dois datilógrafos: o 'seu' Acrísio Gomes (secretário da Prefeitura) e eu. Por isso quando eu fui estudar no Gonzaga, aos 11 anos, eu já tinha condições de fazer o jornalzinho. Eu não só redigia como datilografava. Eu era das oficinas, também. [...] Para imprimir, nas oficinas do Diário Popular, nessa época, era muito caro. Então meu professor de Português me encorajou e me passou uma receita que acabou ele mesmo fazendo, que era uma gelatina que se datilografando em uma folha com papel carbono, essa gelatina chupava o impresso da fita no papel carbono, e permitia uma reprodução dos números desejados. Então começamos a imprimir por esse processo de gelatina. O jornal se projetou, foi muito bem aceito no Colégio a ponto de o Grêmio Estudantil pedir que nós cedêssemos o jornal. Eu cedi o jornal para o Grêmio Estudantil. Aí passou a ser publicado com o nome de Ecos Gonzagueanos. (Amaral, 2003, p. 169)

A publicação do *Ecos Gonzagueanos* apresentou alguns intervalos e nem sempre esteve sob a responsabilidade do Grêmio dos Estudantes. Ele representou, em muitos momentos, uma fonte de arrecadação de verbas para o Grêmio, pois mesmo com o incentivo de patrocinadores não era distribuído gratuitamente. Não há identificação quanto à sua tiragem. Pelo editorial do primeiro número, têm-se uma idéia de alguns de seus objetivos:

a meta para a qual estamos atentamente voltados - o proveito intelectual dos nossos colegas - é o que exigimos do nosso jornal, no desempenho da sua missão. Queremos ainda satisfazer os alunos com leituras que os interessem e que os ponha a par dos acontecimentos havidos em nosso educandário. Em síntese, queremos constituir um jornal GONZAGUEANO, do GONZAGUEANO e para o GONZAGUEANO. (*Ecos Gonzagueanos*, 17 maio, 1943, p. 1)

Figura 1
Capa do jornal *Ecos Gonzagueanos*.



**ECOS
GONZAGUEANOS**

Ano I | Órgão interno do Grêmio dos Estudantes do Colégio Gonzaga | N.º 1

- APRESENTAÇÃO -

A Diretoria do Grêmio dos Estudantes do Colégio Gonzaga, compreendendo o que significa um órgão interno num estabelecimento como o nosso, resolveu, depois de diversas discussões sobre o assunto, criar o jornal que estamos publicando.

Todos sabemos que numa sociedade há acontecimentos de maior ou menor monta, que devem ser registados de alguma forma. Nós, alunos do Gonzaga, formamos uma sociedade que tem por dirigentes os mestres e por associados os alunos. Naturalmente, temos também os nossos assuntos a registar e, por conseguinte, é mister que haja um meio onde fazê-lo. Era necessário que se criasse um boletim que fosse do Gonzaga, para o Gonzaga e do aluno para o aluno.

O Grêmio, compreendendo que devia agir desta forma, ainda que vencendo unúmeras dificuldades, deu vida a este órgão, a fim de satisfazer as necessidades que pesavam gradativamente em relação direta com o desenvolvimento e progresso do nosso Colégio, com os quais surgiram também novidades marcantes em nosso cenário estudantil.

Este jornal, há tanto ambicionado, não tem por fim apenas deleitar os leitores como doce embalo de trechos escolhidos ou como sensação de concursos variados, nem com a trama dos mexericos ou com o enredo sensibilizante e, ao mesmo tempo, trágico das novelas; tão pouco com o palratório alegre das piadas ou a documentação dos artigos científicos. A meta para a qual estamos atentamente voltados — o proveito intelectual dos colegas — é o que exigimos do nosso jornal, no desempenho da sua missão, queremos ainda satisfazer os alunos com leituras que os interessem e que os ponham a par dos acontecimentos havidos em nosso educandário.

Em síntese, queremos constituir um jornal GONZAGUEANO, DO GONZAGUEANO e PARA O GONZAGUEANO.

x x x

Sabemos que o êxito do nosso jornal dependerá do acolhimento que lhe concederem os leitores, porque tanto a imprensa como o rádio, que são tidos, simultaneamente, hoje mais do que nunca, como os meios mais eficientes de propaganda e cultura estão sujeitos ao interesse e atenção que lhes dispensam os leitores e ouvintes.

Cremos, portanto, que todos os bons gonzagueanos, os "gonzagueanos marcados", os gonzagueanos que de fato desejam e trabalham pelo conhecimento, grandeza e renome do nosso Colégio, saberão compreender o nosso esforço e, principalmente, interpretar judiciosamente a finalidade para a qual ele é canalizado.

x x x

O nosso jornal será expedido de 15 em 15 dias, na expectativa de satisfazer a todos quantos ele se apresentar.

Jornal feito por estudante, para estudante, quase tudo que nele se lê é uma nota alegre, uma espécie de melodia inacabável, onde a graça não aparece mas, em compensação, a tristeza não tem lugar.

As vezes suave e quase sempre rígido esforça-se por documentar as pulsações do coração gonzagueano, na hora de escrever ou de falar. Singelo sempre, como singela é a violeta, pois suas flores roxas não têm o aroma estonteante dos jardins encantados, nem a altura fulminante do jequetibá que sonda os ares, nem a violência de um mar encapelado, entretanto irá vargarosa e suavemente alcançar sua meta: VENCER.

Como ouro puro, achado embora às mancheias, o nosso jornal sai para se purificar, sai para ser usado, embora não com pérola achada no fundo do mar ou como o diamante de esplêndida resplandescência... E, como viajor incansável, pelos desertos e planícies, anunciará a todos os amigos do nosso educandário que 1943 vai ser um ano que marcará época nos anais deste estabelecimento.

GUARANY

Fonte: *Ecos Gonzagueanos*, ano 1, n. 1, 17 maio, 1943.

Inicialmente, a proposta dos alunos do Grêmio é que o periódico, expedido a cada quinze dias tivesse, particularmente, caráter informativo dos acontecimentos que envolviam a vida escolar do Ginásio Gonzaga.

Chama a atenção, já em seu primeiro número, a figura dos censores. No espaço em que são apresentados os representantes que compõem a diretoria do Grêmio e seus respectivos departamentos são apontados, no final, os nomes dos dois censores do jornal: irmão Henrique Miguel e prof. Rafael Alves Caldellas.

A realização de eventos que ocorriam na escola, como concursos lítero-históricos, festas cívicas e religiosas e jogos, principalmente futebolísticos, ganham especial destaque em todos os números do *Ecoss Gonzagueanos*.

Nesse periódico há predominância de um estilo humorístico bastante ingênuo que se manifesta, explicitamente, na seção *Mexericos*. Esta, como o próprio nome diz, aborda fofocas e acontecimentos cômicos que envolvem os alunos do Ginásio Gonzaga. As diversões e brincadeiras dão margem à atividades de recreação: charadas, adivinhações, seguir o caminho em zigue-zague e palavras-cruzadas. Por meio desse material humorístico pode-se apreender muito sobre os costumes vigentes na época, bem como a representação social da escola, dos professores e dos próprios alunos.

Os textos sobre questões comportamentais, político-ideológicas e filosóficas são abordados em um tom religioso, poético, patriótico ou satírico. Eles são produzidos tanto pelos alunos, como pelos colaboradores, em sua maioria religiosos, ex-alunos ou pessoas ligadas à religião católica, deixando transparecer normas de conduta na ação desses indivíduos. Alguns desses textos já haviam sido publicados nos jornais locais da cidade. Aproveitar uma notícia veiculada em outro jornal era uma prática comum não só nos jornais estudantis. Diversos jornais locais de circulação diária também se utilizavam desse expediente.

A partir de 1945 os interesses político-ideológicos da Igreja Católica, principalmente ligados ao anti-comunismo, ganharam espaço no jornal por meio de textos assinados por representantes de associações leigas e religiosas. Em alguns números há, inclusive, a “página a cargo e sob responsabilidade da Congregação Mariana”⁸, como se pode observar a seguir no *Ecoss Gonzagueanos* (5 nov., p. 7).

⁸ As Congregações Marianas eram órgãos religiosos de associativismo estudantil presentes em muitos estabelecimentos de ensino católicos.

Figura 2
Página a cargo e sob responsabilidade da Congregação Mariana.

Pag. 7 ECOS GONZAGUEANOS nº 15 - 5/11/45

A FEDIDO. Página a cargo e sob a responsabilidade da Congregação Mariana



organizado e pertinaz, o mais nefasto porque é a subversão de tudo quanto se tem construído em séculos de civilização, o mais digno de repulsa porque atinge os sagrados e invulneráveis dogmas da moral em que erigimos os nossos santuários domésticos."

EDUARDO GOMES - "O comunismo não conseguiu implantar-se e conservar-se em nenhum país sem o emprego de processos de coação em escala inaudita na história da humanidade. Mas, sobretudo, é um sistema ideológico e político, eminentemente anti-brasileiro".

FRANKLIN ROOSEVELT - "The Soviet Union, as a matter of practical fact known to you and to all the world, is a dictatorship as absolute as any other dictatorship in the world = A União Soviética, como é sabido por todos, é uma ditadura tão absoluta como nenhuma outra do mundo". Em 1940

ERNEST BEVIN - (Ministro do Exterior da Inglaterra) "Devemos impedir resolutamente a substituição de uma forma de totalitarismo por outra. Não sangramos durante tantos anos contra o imperialismo germânico, disposto a escravizar-nos e a escravizar o mundo, para agora aceitar que nos escravize e escravize o mundo, o imperialismo russo. Sabíamos o que significava a "confederação" alemã, sabemos o que significa a "união russa". Agosto de 1945.

GEORGE MEANY - (vice-Presidente da Federação Americana do Trabalho) "Os chamados sindicatos ativamente apoiam o sistema soviético de listas negras e deportações de operários para campos de trabalho e resultaram na virtual escravização de milhões de camponeses, operários e profissionais, que foram confinados em campos de trabalho, sem qualquer proteção contra a exploração e o trabalho compulsório". Setembro de 1945.

WINSTON CHURCHILL - Falando aos seus eleitores frisou que, uma vez no poder, o comunismo "prescreveria a cada pessoa o local de trabalho e o que tem a fazer e a dizer, quais as opiniões que deve defender e dentro de que limites deve expressá-las, onde sua esposa tem que ir buscar as rações que o Estado distribui e qual a educação que os filhos precisam receber e a conduta futura que precisam adotar. O Estado socialista (comunista) não admite posição, ele é, em essência, um ataque não só contra a iniciativa privada como contra o direito do indivíduo de respirar livremente, sem que mão tirânica lhe tape a boca e o nariz".

Roosevelt, Bevin, Meany, Churchill e outros que poderíamos citar conhecem as "belezas" do comunismo de perto, pois já as viram com seus próprios olhos na RÚSSIA SOVIÉTICA.

O QUE PENSAM DO COMUNISMO AUTORIDADES INCONTESTÁVEIS

PIO XI - "O comunismo despoja o homem de sua liberdade, princípio espiritual da vida moral; priva a pessoa humana de tudo o que constitui a sua dignidade, tudo o que moralmente se opõe ao assalto dos instintos cegos. Ao indivíduo em face da coletividade não reconhece nenhum dos direitos naturais à pessoa humana, que, assim no comunismo, fica reduzida a uma peça do sistema." (Divini-Redemptoris)

GETULIO VARGAS - "Os comunistas reconhecidos e declarados, os pretensos pregadores de reformas sociais, os utopistas ingênuos e os agitadores mercenários que pregam idéias subversivas, abertas ou disfarçadamente, devem ser afastados do contato da sociedade e recolhidos a colônias agrícolas, onde os trabalhos da terra lhes aproveitarão como corretivo e educação para a vida honesta e construtora, ensinando-lhes o caminho do bem e o respeito aos direitos alheios."

EURICO G. DUTRA - "De todos os perigos que ameaçam as forças armadas e com eles envolve a Nação, é, sem a menor dúvida, o comunismo o mais temível por ser

Fonte: *Ecoss Gonzagueanos*, n. 15, 15 nov., 1945, p. 7.

No imediato pós-guerra, com o processo de redemocratização que se instala no Brasil, a Igreja Católica incorporou, através do anticomunismo, o papel de prevenção frente aos perigos que poderiam acompanhar a instauração da liberdade política. Os estudantes das escolas católicas eram importantes soldados nessa verdadeira cruzada anticomunista desenvolvida pela Igreja.

Nesse período, como pode ser observado no *Ecos Gonzagueanos* (novembro, 1949, p. 1) apresentado a seguir, começam a aparecer alguns textos que demonstram a preocupação dos estudantes com a situação do ensino secundário no Brasil. Em sua maioria, é veiculado o posicionamento de autoridades sobre o assunto. É raro encontrar textos escritos pelos alunos manifestando a sua opinião sobre esse tema.

Figura 3
Capa do jornal *Ecos Gonzagueanos*.

DIRETOR:
Devestura A. Costello Jr.

SECRETÁRIO:
Isacio Amêrico

Ecos Gonzagueanos

REDATORES:
Clóvis T. Wetzel
Cláudio Araujo

ORGÃO DO GRÊMIO DOS ESTUDANTES DO COLÉGIO GONZAGA

Ano VI

PELOTAS, NOVEMBRO DE 1949

N.º 4

"É preciso ajustar o ensino às condições modernas"

Respondendo aos nossos questionários declara o Dr. Eloy José da Rocha, a autoridade máxima do Ensino Gaúcho:

O estudante vê-se hoje em dia prejudicado em seus interesses no que se refere ao serviço militar, haverá possibilidades de desta situação melhorar, pela volta dos tiros de guerra ou semelhantes?

«Para a solução sugerida, deverão ser ouvidas as autoridades militares.

Pessoalmente, sou favorável à instrução militar aos moços, sem prejuízo das suas atividades normais, sejam eles estudantes ou trabalhadores. Por esse modo, não somente serão conciliados outros interesses de caráter público com o da defesa nacional, senão ainda este mesmo interesse será melhor assegurado, pela maior extensão da instrução militar.

Acredito, por isso, se torne vitoriosa a idéia de cursos militares semelhantes aos dos antigos tiros de guerra, realizadas as atualizações convenientes e tomadas medidas que evitem restrições ou obstáculos ao recrutamento para os efetivos mínimos, permanentes, das forças armadas.»

Qual a sua opinião sobre o nosso atual regime de ensino?

«A rigor não se pode falar em reformar, mas em estabelecer um regime de ensino, em lugar do que, entre nós, recebe esse nome.

As deficiências nesse setor, são fundamentais.

É preciso ajustar o ensino às condições modernas: a) quanto



Dr. Eloy José da Rocha quando falava a nossa reportagem

A propalada reforma do ensino secundário será para breve?

«Não é crível que a reforma do ensino secundário, ou de outro qualquer, anteceda à projetada lei sobre as diretrizes e bases da educação.»

A descentralização do ensino, a exemplo dos Estados Unidos, onde cada estado é autônomo em matéria de educação, seria de proveito ao Brasil?

«Já em face do que considero a boa doutrina, já diante da Constituição Federal, sou pela descentralização do ensino Reservada à União a competência para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional, os Estados e o Distrito Federal organizarão os seus sistemas de ensino. Naturalmente, o exemplo dos Estados Unidos pode e deve ser, tendo em linha de conta, como valiosa experiência de uma grande nação. Contudo, o seu sistema de ensino não poderá ser fielmente limitado no Brasil. Há diversidade não só de organização constitucional, mas, também, de condições políticas, sociais e econômicas, que não devem ser desprezadas.

As condições peculiares ao nosso país aconselham a descentralização, alcançada pelos sistemas estaduais de ensino, dentro da unidade de diretrizes e bases da educação nacional.»

as instalações das escolas, especialmente na parte relativa a laboratórios, bibliotecas e quaisquer materiais de trabalho escolar; b) quanto à organização didática, a fim de que os cursos sejam menos teóricos e menos artificiais; c) quanto a preparação e constante aperfeiçoamento do magistério. Em todos os ramos e graus de ensino, as nossas escolas não atendem, muitas vezes, às exigências da realidade.

O que nos conforta é, de um lado, o devotamento do magistério, público ou particular, e,

de outro, a compreensão dos estudantes, de que tanto maior deve ser a sua própria cooperação na tarefa educativa, quanto maiores são as deficiências do ensino.

Como é sabido, acha-se na Câmara de Deputados, por iniciativa do Governo Federal, projeto de lei sobre diretrizes e bases da educação nacional, que poderá constituir o ponto de partida da revisão por todos reclamada. Com razão, espera-se, ansiosamente, seja elaborada essa lei.»



Vista parcial do Castelo de Assis Brasil

...
Comemorou-se no segundo semestre do corrente ano, o 20º ano de existência da ESCOLA ASSIS BRASIL, associando-nos as homenagens prestadas ao patrono de aquele magnífico estabelecimento, aqui lavramos o nosso tributo de admiração e memória do imortal rio-grandense.
...

ÚLTIMA HORA

ESPETACULAR VITÓRIA!

Sagrou-se CAMPEÃO INVICTO a equipe de futebol de Gonzaga no torneio realizado em Povo Novo sob o patrocínio da Sra. Prefeito da cidade de Rio Grande.

O movimento final do torneio foi:

GONZAGA 5 X LEMOS Jr. 4

GONZAGA 1 X E. C. ESPERANÇA 0

Fonte: *Ecos Gonzagueanos*, ano 4, n. 4, 1949.

A arte de escrever e trabalhar na elaboração de um jornal contagiou a muitos dos estudantes responsáveis pela edição do *Ecos Gonzagueanos*, resultando no fato de alguns seguirem a carreira jornalística, como se pode constatar a seguir:

Vários dos mais famosos jornalistas pelotenses orgulham-se do *Ecos Gonzagueanos* e este orgulha-se deles, pois foram as páginas deste jornal que receberam os seus primeiros artigos, as suas primeiras composições. Enfim, foi no jornal gonzagueano que iniciaram sua carreira jornalística. (*Ecos Gonzagueanos*, abr./maio, 1956, p. 1)

O Estudante

O *Estudante*, periódico do grêmio dos alunos do Ginásio Pelotense, começou a circular em maio de 1934. Nesse ano foi editado mensalmente até novembro. Segundo o editorial de seu primeiro número, surgiu com o objetivo de

defender os interesses gerais do Grêmio, tendo por fim despertar na alma ainda em formação da mocidade o amor à leitura e à arte de escrever, e ligar mais intimamente, pelos liames sagrados de uma união afetuosa e sincera, a plêiade de estudantes que no nosso ginásio labuta. (*Estudante*, maio, 1934)

O mesmo editorial salienta, ainda, as dificuldades e percalços para a criação do jornal que, sem o apoio e ajuda financeira do diretor e professores da escola, não teria seu primeiro número editado. Dessa forma, conclama os leitores a tornarem-se assinantes. Foi com o dinheiro advindo das assinaturas que o *Estudante* continuou ser editado, embora com algumas interrupções.

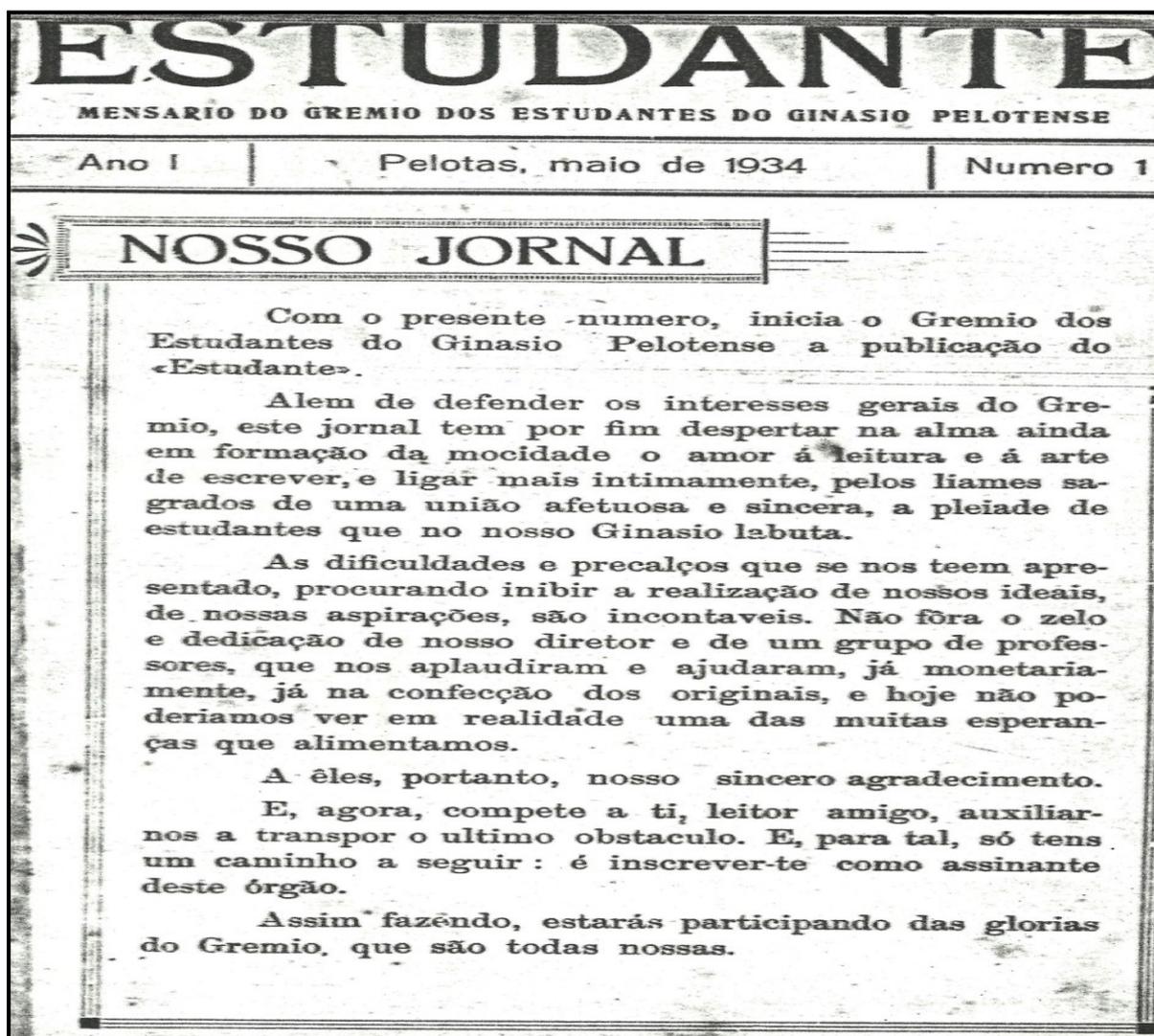
Samuel Duval da Silva, um dos idealizadores e redatores do *Estudante* expôs, anos mais tarde, alguns dados sobre sua criação:

Eu conhecia, de perto, o jornal dos alunos do Colégio Cruzeiro do Sul, de Porto Alegre - o "Pindorama". Gostava de lê-lo. Tentava identificar-me, quando possível, com os seus colaboradores, a quem eu admirava. Quando concluía sua leitura, sempre ficava "matutando" sobre o modo de termos coisa parecida no Pelotense. Mas que iria conseguir um guri do 1º ano ginasial junto aos "barbados" do Grêmio, sempre empolgados com futebol? E, assim, passaram-se alguns anos, até que fui amadurecendo um pouco mais e cheguei à diretoria do Grêmio. Aceita a proposta, sou apontado para fazer um estudo completo das possibilidades da publicação. Na sessão subsequente, foi trazida uma extensa lista de assinantes do futuro jornal, bem como a promessa de apoio de vários professores e colegas. Mas que aspecto deveria ter? Quanto custaria? Que temas poderiam ser ventilados? Surgiram questões às dezenas. Que modelo prestimoso tivemos no "Pindorama" - o jornalzinho saiu e venceu. O "Estudante" nasceu ensinando uma grande lição: saber descobrir as virtudes do colega e imitá-las sem tardança. (*Estudante*, jun., 1948, p. 7)

Inicialmente esse jornal foi publicado por quatro anos consecutivos, de 1934 a 1937. Voltou a circular entre 1946 e meados dos anos de 1960 quando recebeu, ao que tudo

indica, incentivo do corpo docente e de ex-alunos⁹. Em alguns momentos foi distribuído gratuitamente, em função de o Grêmio ter conseguido patrocinadores que bancavam sua edição. Não há identificação quanto à sua tiragem. *O Estudante*, assim como os demais jornais estudantis até a década de 1960, circulou em inúmeras escolas gaúchas. Era praxe, nesse período, que os grêmios trocassem entre si exemplares de seus jornais¹⁰.

Figura 4
Capa do jornal *Estudante*.



Fonte: *Estudante*, ano 1, n. 1, 1934.

⁹ Muitos exemplares da década de 1940 a 1960 me foram entregues pela família de Helena Iruzum Passos, que foi professora do Ginásio Pelotense. Assinante assídua d'*Estudante*, guardava-os carinhosamente junto a seu acervo pessoal. Para a família Iruzum, a escola chegou a ser literalmente o seu lar, pois Gregório Romeu Iruzum, pai de Helena e de Raul, que também era professor do Ginásio Pelotense e diretor de 1956 a 1959, por muitos anos morou com sua numerosa família no prédio da escola, sendo responsável pelos alunos internos. Gregório Romeu Iruzum, professor desde os primeiros anos de fundação do ginásio, por mais de 50 anos serviu ao Pelotense como diretor interno e responsável pela disciplina.

¹⁰ Nos arquivos do Grêmio do Pelotense foram encontrados exemplares de jornais estudantis das seguintes cidades gaúchas: Jaguarão, São Borja, Itaqui, Porto Alegre e Pelotas.

Em suas primeiras edições, além do espaço dedicado a pequenos contos, pensamentos, poesias, piadas, charadas, curiosidades, datas históricas, eventos esportivos e notícias sobre a escola e o grêmio, também era apresentada a sessão *Assuntos gramaticais*, em que o professor Paula Alves se dispunha a tirar dúvidas de leitores em relação à Língua Portuguesa¹¹.

Salienta-se que as apropriações feitas pelos alunos correspondiam às perspectivas educacionais do Colégio Pelotense, nesse período em que ainda se apresentava forte a influência dos ideais positivistas, maçons e anti-clericais. Em praticamente todas as edições do *Estudante* transparece a preocupação com a reflexão sobre aspectos sócio-políticos do país, que envolvia questões como a instrução, o trabalho e a atuação da juventude.

Embora a boa atuação e competência de alguns professores fossem exaltadas, sendo motivo de indisfarçável orgulho dos próprios alunos, os problemas enfrentados na escola, que diziam respeito à sua capacidade de organização pedagógica e administrativa, espaço físico, condução disciplinar e metodológica de alguns professores, eram abordados de forma sutil e até mesmo com um toque de humor, como se pode observar a seguir:

O colégio pelotense possui uma ótima biblioteca (não confundir com a do Grêmio), no entanto, é vedado aos alunos o direito de entrar em contato com os livros da mesma, direito esse somente concedido à “lepisma saccharina” – a nossa conhecida traça. Não teremos nós mais direito do que as traças? (*Estudante*, jun., 1946, p. 6)

Era comum que o jornal, por um tempo, deixasse de ser publicado, pois, com a mudança das diretorias do Grêmio, nem sempre essa atividade estava entre as suas prioridades. Quando voltava a circular, iniciava-se uma nova numeração, no que consideravam uma nova fase, com a devida justificativa de sua interrupção e apelo para que todos colaborassem para a sua manutenção. A cada nova fase eram apontadas as dificuldades que foram transpostas para que fosse possível a sua publicação.

Em 1946 o ressurgimento do *Estudante* foi saudado por um de seus redatores, o ex-aluno Antônio Guedes, que diz um pouco de sua importância:

O *Estudante* foi a menina dos olhos do Grêmio. [...] Houve luta, incompreensão, malentendidos, diz que diz, brigas e até umas caluniazinhas, mas o nosso jornal, que era o orgulho do nosso Grêmio, venceu! Graças a ele muita gente, hoje já bem encaminhada na vida, adquiriu o hábito de escrever. [...] Agora o nosso jornal ressurgiu [...] para glorificar o passado, honrar o presente e ajudar a construir o futuro. (*Estudante*, jul., 1946, p. 3).

¹¹ O professor Francisco de Paula Alves da Fonseca foi, por gerações, uma referência como professor e conhecedor da Língua Portuguesa. A elegância no trato e humildade em suas palavras, traço marcante de sua personalidade, segundo aqueles que com ele conviveram, podem ser percebidas quando diz que “a todos atenderei na medida de meus limitados recursos intelectuais, e ainda que as respostas sempre apareçam sem um cunho de autoridade, não deixarão, contudo de ser a simples expressão de uma forte vontade de acertar” (*Estudante*, maio, 1934, p. 2).

É interessante observar que, na maioria dos exemplares do *Estudante*, é veiculado um discurso com fortes nuances do ideário positivista, fundamentando-se na análise do presente tendo por base um passado que serve de exemplo, por vezes negativo, por vezes positivo, dependendo do assunto ou tema abordado. Particularmente nas edições da década de 1930 é apontada a necessidade de os alunos reverenciarem as tradições do passado e cultuarem os fundadores do colégio.

Conforme se lê em sua edição de junho de 1946, “seu reaparecimento veio atestar o quanto em nosso colégio, o presente está ligado ao passado. Ele trouxe consigo aquela mesma apresentação, aquele mesmo espírito que já o regia. Ele mostrou que os ideais cultuados na época de sua fundação conservam-se até agora” (*Estudante*, jun., 1946 p. 2).

Sobre esse apego às tradições, característico da cultura escolar do Ginásio Pelotense, há uma explicação de como ele deveria se manifestar junto aos alunos:

Tradição - Sobre a tradição, acredito que devemos ter uma dualidade de opiniões. Lutar para fazer desaparecer as rotineiras e anacrônicas, e dar toda a nossa energia para trazer sempre vivas e reverberantes as que nos podem manter no mais alto prestígio e intimamente ligados a um glorioso passado. [...] Amigo: não há nada que nos possa deixar mais satisfeito do que ter a consciência de haver lutado, de haver deixado um exemplo aos pósteros, ensinando-lhes que o que pode parecer pensamento de um visionário, para jovens ardorosos e amantes da tradição, é inteiramente exequível. E aqueles que nos seguirem, verão que [...] para os estudantes desta casa, tudo é vida e azáfama sob o impulso inexaurível de uma tradição. (*Estudante*, ago., 1947, p. 1)

É provável que, em muitos textos, o tom saudosista e reverenciador do passado tenha recebido influência de ex-alunos que continuavam muito presentes na vida da escola. No *Estudante* havia, inclusive, a página do ex-aluno, cujos textos, além de abordarem aspectos do cotidiano escolar vivido por eles, exaltavam características que continuavam a identificar os alunos, ou seja, de luta pelos seus ideais e contrários à arbitrariedade que, por ventura, os estudantes viessem a sofrer.

Nesse sentido, em alguns momentos de conflito do Grêmio com a direção da escola, como nos casos de passeatas realizadas pelos alunos¹², alguns egressos, pela página do ex-aluno, se solidarizavam com as causas estudantis. Buscavam sempre remeter à idéia de liberdade de consciência que fundamentava a criação do Ginásio Pelotense e que, logicamente, propiciava um caminho para despertar a participação política dos alunos, especialmente os do Grêmio dos Estudantes. Dessa forma, reforçavam seus laços de ligação e comprometimento com os valores compartilhados na escola, que tinham por base o desenvolvimento da moral, do civismo e do patriotismo e uma forte oposição à pedagogia católica.

¹² As passeatas dos gatos pelados passaram a ser realizadas anualmente pelos alunos do Ginásio Pelotense desde a década de 1930. A tônica principal dos desfiles era a irreverência dos participantes, o humor e o espírito crítico manifestado nos cartazes apresentados. De forma descontraída e caricata, muitos eram os alvos das críticas: a situação internacional e nacional, os políticos, as instituições e as autoridades educacionais e administrativas: prefeitos, vereadores, secretários municipais e diretores e professores da escola. Mas o principal alvo era a Igreja Católica, especialmente a figura do bispo diocesano D. Antônio Zattera, e os galinhas gordas. Sobre as passeatas, ver Amaral (2003).

Os responsáveis pela publicação do *Estudante*, assim como seus colaboradores, durante esse período de 30 anos marcado por grandes alterações na vida econômica, política e cultural do país, geralmente preocupavam-se em veicular textos que propiciassem a reflexão sobre a conjuntura brasileira, especialmente no que se referia à educação.

A partir de 1946, em um contexto de pós-guerra e com o início do processo de redemocratização no Brasil, por meio de textos bem escritos, os alunos se posicionam de maneira crítica e coerente em relação ao contexto por eles vivido. Muitas críticas recaíram sobre a situação do ensino no Brasil, especialmente sobre as conseqüências da reforma do ensino secundário, conhecida como Reforma Capanema, que criou os cursos clássico e científico e aboliu os cursos em que o aluno estudava unicamente as matérias específicas direcionadas ao exame de seleção de determinado curso superior. Em um texto assinado por Pedro Moacir Gomes de Freitas, lê-se o seguinte:

O número elevado de disciplinas e a quantidade de aulas por semana tiram o estímulo do estudante que não pode dedicar-se a nenhuma delas com carinho. [...] Em benefício do reduzido número dos que têm vocação sacerdotal ou pretendem ser filólogos, sacrificam-se moços no estudo intensivo do latim nos quatro anos ginasiais, que veio substituir a química e a física, matérias de vestibular. [...] Com a natural escassez de professores capacitados, [...] a remuneração insuficiente dos mestres e a execução de leis que proíbem a acumulação de dois magistérios, são um absurdo inadmissível. O preço proibitivo dos compêndios e tratados, e as elevadas mensalidades de nossos estabelecimentos educacionais, são um atestado flagrante de nosso atraso. [...] Os uniformes de uso obrigatório e de utilidade deturpada, servem unicamente para a beleza do automatismo das paradas escolares, em que os estudantes são coagidos a comparecer numa estranha comemoração de datas que às vezes nem figuram na história pátria!... O aluno do ciclo colegial que ainda não sabe falar corretamente as línguas inglesa e francesa e não conhece a própria literatura nacional, é obrigado a gravar, por força de lei, as minúcias biográficas dos maiores literários da França e da Inglaterra, desde a mais longínqua Antiguidade! O ensino da árida matemática consiste em expor os sem número de enfadonhos teoremas de desconhecida utilidade, negligenciando-se de sua parte bela, interessante e atrativa. Em consequência de tudo isso a escola transformou-se em “fábrica de diploma” na qual o aluno estuda não para saber, o que seria impossível, mas unicamente para alcançar notas nos exames - ilusória lisonja de seu esforço. (*Estudante*, jun., 1946, p. 5 e 7)

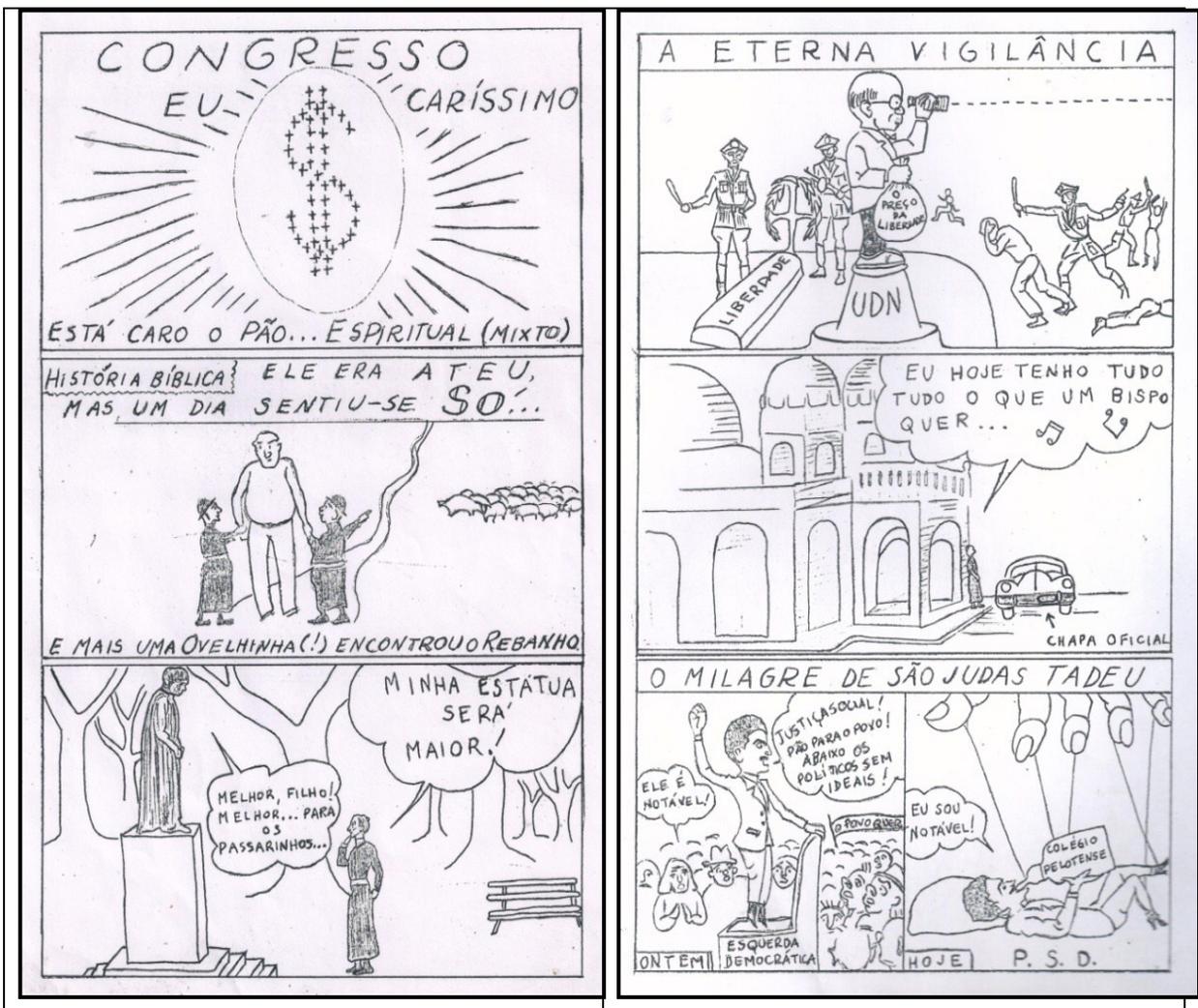
Em alguns momentos, alunos e colaboradores que estavam envolvidos na elaboração do periódico, em função da irreverência e da crítica em relação à Igreja Católica e ao diretor do Ginásio Pelotense, foram perseguidos e tiveram que responder judicialmente sobre a provável ilegalidade de seus atos. Houve, inclusive, apreensão de exemplares do *Estudante*. Tal fato ocorreu quando uma das passeatas dos gatos pelados virou caso de polícia, em função de que alguns dos quadros que seriam apresentados foram censurados e destruídos pela direção do Ginásio Pelotense. Com isso, os alunos do Grêmio fizeram uma publicação clandestina de uma edição extra do jornal com a reprodução de quadros que não foram apresentados na passeata.

Essa edição do jornal, com uma produção bastante caprichada, com papel de boa qualidade e todo em letras verdes, que simboliza a cor do colégio, foi impressa clandestinamente em Porto Alegre. Apresentou em sua capa o hino dos Gatos Pelados, com o distintivo do Colégio ao fundo. Além de várias matérias devidamente assinadas por seus autores, foram reproduzidas as imagens e os dizeres de alguns dos quadros humorísticos censurados, notadamente os ofensivos às autoridades públicas, aos sentimentos religiosos, aos partidos políticos e à direção do Colégio.

Nos quadros, os alunos criticavam: o congresso eucarístico que acontecera na cidade dias antes da passeata; as polêmicas atitudes do bispo diocesano, como o fato de seu carro ter chapa oficial, assim como seus esforços para angariar fundos para a reforma da catedral de Pelotas; os supostos interesses do diretor do Colégio, ao ter mudado de partido político para assumir o cargo: a direção do Colégio era um cargo político, pois o diretor era nomeado pelo prefeito da cidade; o regime democrático instalado no Brasil com o presidente Eurico Gaspar Dutra.

Figura 5

Imagens dos quadros de uma passeata reproduzidas no jornal *Estudante*.



Fonte: *Estudante*, ano 7, edição extra, 1948.

Nos textos dessa edição extra, cujos títulos eram *Fatos deprimentes, Liberdade de culto e de palavra, Autoridades e suas muletas, Comentário do 17 de agosto, A tradição das passeatas deve ser conservada, Por que censurar a verdade?*, os alunos explicam e criticam exaustivamente o lamentável fato ocorrido. Publicam, também, o ofício por eles enviado à Câmara de Vereadores, em 26 de agosto de 1948. Nesse documento lembram o espírito de liberdade, de sã e livre crítica que sempre foi o apanágio dos estudantes do Ginásio Pelotense, assim como de suas passeatas comemorativas ao aniversário de seu grêmio - dia do Gato Pelado. Recordam que, desde a década de 1930, mesmo com o apogeu da ditadura de Vargas, as passeatas tiveram ampla aceitação e ganharam fama e tradição na cidade pelas críticas que apresentavam¹³.

Essa edição extra foi passada gratuitamente às pessoas e aos setores estratégicos da sociedade pelotense. Foi colocada nas caixas postais e distribuída indistintamente, inclusive nos colégios, com a intenção premeditada de fazer escândalo e desacatar as ordens das autoridades, numa nítida disputa entre o Grêmio e a direção da escola. Sua ampla circulação deu-se de forma diferente das edições anteriores, que eram vendidas e se destinavam a um público mais restrito: alunos, professores e ex-alunos do Colégio. Ao que tudo indica, respaldados por alguns ex-alunos com princípios firmemente anticlericais e marxistas, sentiram-se fortalecidos o suficiente para enfrentar as autoridades.

Pelo que apontam as entrevistas realizadas com alguns envolvidos nesse caso e tendo por base uma declaração do próprio diretor do Colégio, transcrita a seguir, os alunos estavam, também, servindo de intérpretes às aspirações de terceiros:

Há anos que o Colégio Pelotense vem sofrendo infiltração de elementos indisciplinares, influenciados por pessoas estranhas ao estabelecimento. Embora esses elementos constituam pequena minoria, tem sido ela suficiente para trazer distúrbios à vida normal do estabelecimento. [...] Para a passeata deste ano, os dirigentes do Grêmio se valeram da habilidade de um ou mais ex-alunos do Colégio para desenhar os cartazes a serem expostos. Em tais quadros em vez de crítica sadia, elevada, construtiva, própria da mocidade estudiosa o que havia era um grande número de quadros ofensivos às autoridades, aos sentimentos religiosos da população e até a particulares. [...] Alguns quadros se referiam a fatos íntimos de conhecidas pessoas de nossa sociedade ou faziam alusões acintosas com o propósito de ridicularizar. (*Diário popular*, 16 dez., 1948, p. 2).

É importante salientar que no Ginásio Pelotense, em todas as épocas, a citada crítica sadia, elevada, construtiva, própria da mocidade estudiosa sempre recebeu incentivo até mesmo da direção do Colégio. Pode-se afirmar que essa era uma característica fundamental, que singularizava essa instituição de ensino e que a diferenciava de seus rivais gonzagueanos.

Levado o *caso do Pelotense* ao conhecimento do Poder Legislativo da cidade, intensos debates foram travados e reproduzidos pelos jornais locais. A briga enveredou para o campo ideológico e político-partidário. Dessa forma, tendo o conflito extrapolado os

¹³ Mas, conforme se lê no periódico católico da diocese de Pelotas *A Palavra* (25 ago., 1950), foi somente sob os auspícios da Constituição democrática de 1946 que os Gatos Pelados, em suas passeatas, passaram a atacar insistentemente a Igreja Católica.

muros do Ginásio Pelotense, o seu diretor decidiu cancelar a matrícula de três alunos e suspender outros dois por um mês, além de suspender temporariamente as atividades do Grêmio dos Estudantes. A partir dessa atitude enérgica, o rumoroso caso acabou por não se restringir ao âmbito local e foi discutido pelos representantes do legislativo estadual e federal, chegando ao ministro da Educação.

Na tribuna da Assembléia Legislativa, o então estudante e deputado Leonel Brizola, “saiu de espada em punho, defendendo os seus colegas atingidos pela penalidade” (*Diário Popular*, 27 nov., 1948, p. 8). Por sua vez, o deputado Mem de Sá, que era professor, teve seus discursos proferidos na Assembléia, em que defendia os interesses dos alunos punidos, publicados no *Diário Popular* de 12 e 27 de dezembro de 1948. O diretor do Ginásio Pelotense, sentindo-se agredido pelas declarações do deputado, revidou algumas de suas acusações e questionamentos, também pela imprensa. Foram tantos os esclarecimentos dados sobre o *caso do Pelotense*, que esse foi um assunto que realmente despertou o interesse e participação da população da cidade que acompanhava diariamente pelos jornais as novas trocas de farpas.

O desfecho dessa história foi relatada, décadas depois do ocorrido, pelo então presidente do Grêmio, Sydney Castanho:

Com o passar do tempo, os punidores foram-se tornando mais pais, provavelmente torcendo por um fato novo em que o feito ficasse por não feito. E este fato finalmente chegou: uma portaria do Ministério da Educação nos integrava ao Colégio e nos permitia fazer os exames que já tínhamos perdido. Posteriormente, ficáramos sabendo pelo prefeito de Pelotas, responsável pelo Colégio, amigo e correligionário do Ministro da Educação, que este lhe telefonara pedindo informações sobre o caso. A conversa fora de um homem sensato, certamente já arrependido de ter imposto uma pena tão severa a seus jovens alunos. Dos punidos, todos concluíram cursos superiores: advogado e deputado estadual brilhante; professor destacado da Faculdade de Odontologia de Pelotas; traumatologista conceituado, atuando na Capital; professor fundador da Faculdade de Medicina da UCPel, seu segundo diretor e responsável direto pelo reconhecimento de sua Faculdade pelo Ministério da Educação; professor fundador da Faculdade de Medicina da UFPel e professor emérito pela mesma Universidade. Paradoxalmente, um dos suspensos que se recusou a prestar os exames, é hoje empresário aposentado, vivendo numa bela mansão à beira da praia. Felizmente não permaneceram sequelas. Ao iniciarmos nossas atividades profissionais em Pelotas, tivemos a grata satisfação de receber como clientes muitos daqueles que, no calor da crise de 48, nos levaram à punição, mas que também, como todos ou quase todos, tomados por um dos sentimentos mais nobres - o “paísimo” - souberam reconsiderar as traquinices de seus alunos. Assim foi, também, o diretor do Colégio Municipal Pelotense que, inclusive, teve um dos punidos como padrinho em suas segundas núpcias. Dos professores, funcionários ou colegas, nunca recebemos, quando do nosso retorno às aulas, o menor sentimento de desagrado pela nossa reintegração, mas, ao contrário, alegraram-se e procuraram nos auxiliar na recuperação do tempo perdido. Nós, jovens, naquele misto de alegria, ebulição, pretensão e até vaidade, pagamos com meses de grande sofrimento, principalmente ao sentir que nossos familiares, até mais do que nós, sofriam. Felizmente, com o apoio dos que foram citados e, em especial, com o empenho de um deles (tio de um dos punidos), que, com

grandeza e dedicação, assumiu a responsabilidade de tornar o feito como não feito, conseguiu-se o que parecia impossível: a reintegração de todos no nosso querido Educandário. Foram momentos duramente suportados, mas isso fez-nos ver a vida, não como gostaríamos que ela fosse, não como ela deveria ser, mas simplesmente como ela é. E, assim a vendo, conseguimos galgar os degraus que nos fizeram chegar onde hoje nos encontramos. (Amaral, 2002, p. 81-82)

Esse relato deixa transparecer aquilo que parece bastante óbvio, mas que pode ser lembrado: a importância da experiência vivida e das relações concretas como espaço efetivo da construção do conhecimento e, conseqüentemente, da formação do indivíduo.

Palavras finais

De uma maneira geral, nos jornais estudantis é possível observar-se valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam ligados. É um viver cotidiano que envolve um número elevado de sujeitos e que extrapola os muros das escolas. A comunidade discente representa, pelos seus jornais, um dos melhores propagadores dessa cultura.

Nesse sentido, observa-se, por exemplo, a apresentação de muitos textos a respeito de questões comportamentais, político-ideológicas, filosóficas, em tom poético, patriótico ou satírico produzidas, tanto pelos alunos, como pelos colaboradores e que deixam transparecer normas de conduta na ação dos indivíduos.

Em muitos jornais estudantis costumam ser abundantes as caricaturas, sátiras e anedotas. Por esse material humorístico pode-se apreender, também, muito sobre os costumes vigentes na época, bem como a representação social da escola, dos professores e dos próprios alunos.

Nos impressos estudantis, jornais e revistas, há a predominância de textos produzidos por alunos. Contudo, constata-se a participação de outras pessoas que faziam ou não parte da instituição - diretores, inspetores escolares, ex-alunos, membros de associações escolares. Ressalta-se que a instituição escolar é caracterizada, então, por ser um território cultural que perpassa as relações internas e expande-se a outros campos, a outros atores. E um dos atores constituintes do espaço educativo que tem muito a contribuir nas pesquisas histórico-institucionais é o aluno. Sem dúvida, são vozes pouco escutadas que o estudo da imprensa estudantil pode fazer emergir.

Portanto, o que constatamos nesta rápida análise de dois jornais estudantis, foi a possibilidade de observação de aspectos ligados à cultura escolar, aspectos esses relativos à determinadas atividades realizadas na instituição, às relações que se estabeleciam nesse espaço de formação, às expectativas, os interesses dos alunos e de alguns professores e discursos relativos à nova proposta educacional que estava em efervescência no período estudado.

Assim, o estudo da imprensa estudantil pode contribuir para a abordagem dessas características. É interessante salientar que o estudo da cultura escolar apresenta algumas situações do cotidiano e do fazer escolar e os impressos podem levantar novas questões sobre essa cultura, sobre esse fazer, não só de uma dada instituição, mas também para auxiliar no entendimento das culturas escolares em todo o país. São

saberes e fazeres que ocuparam um dado momento histórico, mas que evidenciam que o espaço escolar não é um espaço que está fora de embates políticos, econômicos, sociais, educacionais e culturais. Ao contrário, encontra-se numa área de combate que ora subverte, ora libera.

Referências

AMARAL, Giana Lange do (org.). *Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história (1902-2002)*. Pelotas: Educat, 2002.

AMARAL, Giana Lange do. *Gatos pelados x galinhas gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960)*. Porto Alegre: Ufrgs, 2003. 338f. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A PALAVRA, jornal da diocese de Pelotas, 25 ago., 1950.

BRASIL. Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. *Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942*. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1931. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decretos%2019.890%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm>. Acesso em: 10 maio, 2012.

CARVALHO, Marta M.C. pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria: UFSM, 2005, p. 87-104.

CASASANTA, Guerino. *Jornais escolares*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 32, 1939.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DIÁRIO POPULAR, 27 nov., 1948

ECOS GONZAGUEANOS, 1944, 1943, 1945, 1949, 1956.

ESTUDANTE, 1934, 1946, 1947, 1948.

FRAGO, Antonio Viñao Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. *Historia de la Educación*, Salamanca, v. 13-14, 1993-1994, p. 17-74.

LESSA, Luís Carlos Barbosa. *Entrevista concedida a Gladys Lange do Amaral*. Pelotas, 22 out. 2001.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo. Contexto, 2005, p. 111-153.

GIANA LANGE DO AMARAL é professora no Programa de Pós-Graduação da Faculdade em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista produtividade CNPq/PQ2.

Endereço: Rua Três de Maio, 973 - 96010-620 - Pelotas - RS - Brasil.

E-mail: gianalangedoamaral@gmail.com.

Recebido em 11 de agosto de 2012.

Aceito em 29 de março de 2013.